

# LACAN E A TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS: POR UMA ÉTICA DA DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO

Marcos Gustavo Richter<sup>1</sup>

*RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo examinar la contribución de Lacan y su teoría de los cuatro discursos posibles para la ética del trabajo educativo en el campo de los estudios de la lengua. En primer lugar, se presentan los principales conceptos del campo lacaniano. En segundo lugar, nos centraremos en la teoría de los cuatro discursos. En tercer lugar, se discute el impacto de esta teoría en la educación, tejiendo una red conceptual que introduce el nuevo paradigma del trabajo docente, la educación dialógica problematizadora, el teorema de la doble contingencia, para finalmente llegar a una síntesis, es decir, defender el deslizamiento de la ética de la exclusión para una ética de la diferencia.*

*PALABRAS-CLAVE: Teoría Holística de la Actividad, teorema de la doble contingencia, teoría de los cuatro discursos.*

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A imersão do ser humano na linguagem, constituindo-o como ser simbólico, acarretou um problema estrutural: sua situação irredutivelmente faltosa, que o leva a jamais coincidir consigo mesmo. Em outras palavras, ter se tornado simbólico tornou o homem autônomo em face da natureza, pela capacidade adquirida de representar o mundo e, assim, por meios artificiais, emancipar-se do presente eterno e constituir-se em seu próprio demiurgo. Mas, por essa prerrogativa — ser artificial por natureza, autodeterminado e autoprojeto —, pagou um preço altíssimo: ao passar a habitar o signo (que jamais recobre plenamente seu objeto) renunciou à possibilidade de acesso ao real (que os demais seres habitam) e, em decorrência, sua força (autodeterminação) paradoxalmente passou a ser sua fraqueza (mal-estar sobre si, sobre os outros e sobre a vida, associado a um rombo ontológico). Talvez a forma mais vívida de expressar esse contínuo relançar da construção dos sentidos na busca de uma completude impossível seja o mito da pedra de Sísifo. Como Sísifo, o ser humano se vê no desafio de assumir tarefas impossíveis, segundo a psicanálise.

Este artigo objetiva discutir esses impossíveis do discurso, com ênfase em um impossível específico, educar, procurando encaminhar respostas possí-

---

<sup>1</sup> Professor Titular Pós-Doutor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria-RS. E-mail: richtermg@gmail.com

veis para o seguinte questionamento: De que impossibilidade se trata? Como lidar com ela, fazer com que se dela extraia, paradoxalmente, possibilidades?

## **2. DAS PULSÕES ÀS IDENTIFICAÇÕES: UMA ONTOGÊNESE SEMIÓTICA**

Desta à quinta seção, discutiremos os conceitos básicos do campo lacaniano, o signo de Peirce numa perspectiva psicanalítica e o problema do Édipo, como preâmbulos a uma abordagem pedagogicamente mais profícua da Teoria dos Quatro Discursos. Este artigo não pretende abordar esse aparato teórico sob o rigor da prática analítica, e sim fornecer respaldo parcial a uma visão dialógico-problematizadora da educação — mais precisamente, procurar estabelecer pontos de contato entre Lacan, Peirce, Freire, Luhmann e Richter que contribuam para uma educação centrada no binômio professor-aluno como instância de dupla contingência. Estas seções se basearão em Cabas (1982), Lemaire (1988) e Santaella (1995, 1999).

O organismo é um sistema auto-organizado aberto a trocas entre ele e o ambiente externo, buscando a manutenção da homeostase (equilíbrio interno). A pulsão é um sinal da emergência das necessidades orgânicas, atuando na interface somatopsíquica, ou seja, na interface processos fisiológicos/processos mentais.

A pulsão não ingressa na mente, por ser energia orgânica não estruturada. Como a mente consiste exclusivamente de signos, o que nela ingressa é um signo representativo dessa pulsão. A pulsão não tem um objeto definido (a priori), ou seja, não se articula a um objeto físico que seja provedor único dos elementos necessários àquele aspecto específico do processo homeostático do organismo.

A pulsão tem à sua espera, e encontra, um objeto interposto que freia a pulsão e a devolve como se a espelhasse no organismo. Esse objeto realiza nessa interposição as seguintes operações semióticas:

a) Ao frear a pulsão, essa força orgânica se escoar (se perde) no objeto que a representa: a presença do objeto implica a perda ou descarga da força pulsional, seu desvanecimento, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, evoca, representa essa pulsão em algo que arbitrariamente não é ela. É um “como

se”, uma metáfora dessa energia. Visto que essa representação é sempre imperfeita — o signo aspira a ser o objeto sem jamais poder sê-lo — a pulsão passa a deslizar metonimicamente de objeto em objeto em busca de um objeto impossível para zerá-la plena e definitivamente.

b) Uma vez investida, marcada (fixada) a pulsão pelo signo, este a põe em evidência ao sujeito do inconsciente. Ela passa a existir indireta e incompletamente em algo que apenas a representa na mente de maneira imperfeita. O signo, ao nomear a pulsão, criá-la para uma mente, permite, daí por diante, a manifestação e o reconhecimento dela através de seu signo. Paradoxalmente, a pulsão passa a ter existência própria na exata medida em que é recalcada.

c) O signo que nomeia uma pulsão também lhe destina uma configuração ou estrutura (a completude adiantada, no estádio do espelho), tanto a nível do simbólico (da lei significante) quanto a nível do imaginário (do autorreconhecimento em outro que é sua contraparte identitária mas simultaneamente um estranho, um rival ocupando seu lugar). Que diremos desse imaginário? Os investimentos pulsionais, compostos num todo que é a imagem especular do (desejo do) outro, organizam-se em relações objetais catexizadas (dotadas de investimento afetivo) a partir de um jogo de identificações. O elo catéxico identificação-objeto está sempre mediado por fantasmas (construtos psíquicos que são imaginários, embora respaldados no simbólico) que basicamente encenam pequenos dramas que insistem no inconsciente (por fixação) e envolvem as figuras edipianas (os pais). Estas cenas constituem paradigmas metafóricos que regerão as catexias e identificações específicas da história do sujeito.

d) O signo da pulsão inverte a direção da pulsão. Assim, o objeto que num primeiro momento saciou um apetite específico, ao ser reativado no aparelho psíquico faz ressurgir o mesmo apetite.

e) O signo da pulsão trapaceia a relação, na medida em que meramente reflete e refrata (distorce) essa pulsão num suporte episódico superado. Nesse sentido, contribui para o caráter ficcional das representações investidas de energia pulsional (num único termo, o imaginário).

f) Por fim, uma vez que o equilíbrio homeostático é sempre provisório, não há objeto capaz de satisfazer plena e definitivamente qualquer necessida-

de. Somente a morte tem a prerrogativa de zerar todas as pulsões, daí em psicanálise ser considerada o Mestre Absoluto.

Essa condição gera um encadeamento-deslizamento metonímico incessante de apetite e busca, de um querer a outro querer, sem jamais apaziguar-se com esses objetos desde sempre apenas provisórios, apenas parciais. Isso se torna um modelo de sublimação, característico do narcisismo secundário. Nesse processo, o sujeito aciona seus significantes singulares, que circunscrevem e centralizam suas relações objetais, tentando (sem sucesso) incessantemente encontrar um lugar perfeito para os mesmos no campo do saber. Mas sempre algo não “encaixa bem”, jamais duas instâncias complementam-se com perfeição formando Um e celebrando a plenitude pelo gozo do sentido. Entre os significantes da singularidade e os significantes do saber jamais ajustados, circulando sem cessar em seus interstícios com suas forças pulsionais, está o sujeito, a pura diferença inefável que está “entre” significantes, embora tenha de sobrepor-se a um deles, ao menos em certo momento de sua história. Um significante é o que representa um sujeito para outro significante. O objeto desse significante desde sempre escapa, está perdido para sempre (e na verdade, jamais existiu). Paralelamente, na medida em que, no simbólico, os objetos são social e culturalmente compartilhados, o signo faz laço social e permite construções identitárias (identificações).

### **3. A TRAJETÓRIA EDIPIANA**

O neonato, uma vez jogado no mundo, é um ser desamparado que necessita do outro adulto para sobreviver e satisfazer suas necessidades. O adulto cuidador, ao satisfazê-los de acordo com seu desejo em relação a essa criança (o projeto que inconscientemente concebe para ela e que se torna o lugar destinado a ela na existência) e com os ditames de uma cultura na qual ele próprio está imerso, vai marcando, respectiva e simultaneamente no imaginário e no simbólico, o corpo da criança (um significante-cabide) com os significantes/signos das necessidades. Com isso, converte-as em demandas — ou seja, faz com que as forças pulsionais focais sejam “reconhecidas” pelo pequeno ser

humano (via embuste sígnico acima mencionado) como os desejos manifestos a satisfazer com o arsenal de opções entre os artefatos da(que) cultura.

Cabe então traçarmos as linhas gerais do drama edipiano do qual todo sujeito é chamado a participar. No primeiro momento, a criança, não estando inicialmente em condições de discriminar os limites do seu corpo (biológico e pulsional) em face do materno, sente-se “una” com a mãe e, na medida em que a representação sígnica de seu total desamparo retorna para ela com sinal invertido, esta inversão se traduz no binômio criança-mãe como um ser completo (fálico), onipotente. Nessa forma essencialmente narcísica de existência (narcisismo primário), o papel da criança é ser o falo; o da mãe, ter o falo; e do binômio criança-mãe, existir como um ser Unário, pleno. É nesse quadro que (inconscientemente) a fantasia da criança é: eu completo minha mãe e, por meu intermédio, ela é uma mulher-maravilha (pois vivencio em presença dela todas as minhas necessidades satisfeitas).

No segundo momento, entretanto, a criança irá padecer das ausências da mãe e suas satisfações. Isso relativiza o vínculo mãe-filho, desinvestindo-o da ilusória onipotência. Esse processo, a separação da mãe, consiste na renúncia à onipotência, a inscrição da limitação, da falta, da incompletude: a castração. Nessa fase, surge pela primeira vez a figura do pai por negatividade, isto é, como equivalente às ausências da mãe. O pai se torna o componente que limita, frustra, separa. E também encarna a Lei: para a criança, vai-se impondo (mesmo inconscientemente) o fato de que a ordem cultural, o simbólico, a lei com suas arbitrariedades e “violência gratuita”, preexistem ao sujeito e inclusive o determinam, ao restringirem drasticamente suas possibilidades e impondo limites à satisfação/descarga das pulsões. Ao mesmo tempo modelam as formas com que essas pulsões culturalmente nomeadas (demandas ao outro) podem ser, ainda que provisória e imperfeitamente, satisfeitas. Sintetizando: é no arbitrário da cultura (na ordem do simbólico) que a castração, como função paterna, opera.

Disso resulta uma cisão: Ego Atual (autoimagem de castração) X Ego Ideal (autoimagem de plenitude narcísica, fantasma da “superação” da limitação e efemeridade). A embreagem do primeiro ao segundo é função do Ideal do Ego, provendo emblemas identificatórios de propiciação; já a demarcação

“realista” da distância entre um e outro, função do Superego dada pelo que Luhmann denomina expectativas normativas: a regulamentação que ao mesmo tempo limita, restringe, mas também protege o indivíduo e abranda as operações de redução de complexidade).

No terceiro e derradeiro momento do Édipo, o indivíduo se vê confrontado com um amálgama de Mãe-Pai que é o lugar que (via novela familiar) lhe destinaram conjuntamente no campo discursivo — e no qual tenta incessantemente inserir-se (metaforicamente) para sentir-se digno do amor/desejo do outro. A identificação, por exemplo, do menino com traços emblemáticos do pai, a partir da mitologia discursiva engendrada em família em relação a este (lugar suportado pelo desejo materno), lado a lado com a catexia sob restrições endereçada a perfis metafóricos da mãe, acarreta a indicação ao menino de um lugar terciário na relação mãe-filho cujo presumido acesso se dá via tais emblemas. Esses significantes propiciarão ao sujeito relações objetais metonimicamente capazes de acionar o desejo no momento em que a economia psíquica tiver passado do Falo ao Ideal do Ego (estrutura identificatória cujo sentido é a busca de uma imaginária, porém sempre precária e frustrada, completude no bojo do narcisismo secundário).

#### **4. O SIGNO COMO DUPLO: PROCESSOS IDENTIFICATÓRIOS**

A imagem especular que a criança encontra diante de si e introjeta, forja-se e unifica-se imaginariamente no desejo da mãe — na imagem que a mãe, com suas expectativas e valores, constrói do filho — e antecipa a unificação-constituição do eu em face da fragmentação pulsional do significante-corpo. Nesse quadro, o desejo fundamental do sujeito é ser reconhecido como sujeito (digno de amor) pelo outro, ter reconhecida e acolhida uma identidade própria. O objeto de desejo não é, a rigor, uma coisa, e sim o desejo do outro: trata-se de desejar um desejo (do outro).

Esse imaginário estruturado na/pela linguagem, que funda no sujeito sua identidade e unificação (só aparente: ele é cindido, contraditório), se interpene-tra com o simbólico — a rede de lugares e papéis sociais preexistentes ao indivíduo empírico, a serem preenchidos e acionados no assujeitamento.

O narcisismo carrega consigo um conflito, decorrente da ambigüidade própria do signo (ser ele mesmo e ao mesmo tempo ser outro: dualidade ontológica). Trata-se da tensão entre ser a si mesmo e ser outro. A identidade é alienada numa imagem, reflexo e modelo idealizado, em que o caráter focal e fragmentário das pulsões se dissolve e unifica numa ilusória especularidade que nada mais é que a projeção do desejo do outro.

A mãe, pilotando as necessidades do bebê em direção aos objetos de satisfação culturalmente produzidos, é a provedora do código, repositório das marcas pulsionais. Será a partir destas (que corporificam as demandas) que o indivíduo alimentará a ilusória expectativa de satisfação plena, e não às pulsões em si, que expressam necessidades orgânicas, externas ao campo psíquico. A identificação — transformar-se à imagem e semelhança do outro, apagando toda e qualquer diferença entre ambos — não se dirige a uma pessoa concreta em si, e sim a um emblema ou ideal cultural investido na referida pessoa. A identificação é um processo de igualação (imaginária) direcionada a modelos sociais (simbólicos). O fracasso nessa igualação (ou seja, sua perene precariedade) atesta a presença e a espreita do Real (SANTAELLA, 1999).

O desejo apóia-se em algo que não é diretamente supressor, extintor de uma necessidade biológica. Isto ocorre em função do já mencionado deslizamento metonímico da relação objetual. Assim, um cigarro, que não é alimento e não sacia as necessidades nutricionais do sujeito, é constituído, por metáfora e metonímia do ato de alimentar-se, em substituto (e signo) do alimento propriamente dito, freando a demanda relacionada à oralidade. Nesse quadro, o desejo diminui a função orgânica (associa-se a um déficit pulsional), ao se direcionar a coisas só indiretamente ligadas aos processos homeostáticos.

## **5. CASTRAÇÃO, EGO E IDEAL**

A castração consiste na limitação do desejo pela alienação do ego narcísico e sua relativização na rede convencional dos papéis e lugares sociais. Não tem relação com um pai real, e sim com o lugar/papel que o mesmo ocupa/desempenha. Esse processo gera a dualidade identificatória antes mencionada, Ego Ideal e Ego Atual, que se sobrepõe, até certo ponto, ao eu dividido.

Os mecanismos de bloqueio e facilitação-propiciação da passagem do Ego Atual ao Ego Ideal denominam-se, respectivamente, Superego e Ideal do Ego. Reside aí a angústia básica do ser humano: ou me separo do (renuncio ao) outro, ou me separo de (renuncio a) mim. Esse dilema enraíza-se no inconsciente como campo de intercâmbios e deslizamentos de objetos-suporte do desejo. Ao mesmo tempo, a busca incessante de substitutos da presença materna produz, no bojo do narcisismo secundário, a historicização do desejo, e assim da própria existência humana. A lei, como regularidade que gera previsibilidades, permite ao sujeito projetar-se no desconhecido, ou seja, assumir os riscos de ser a si mesmo. Com o apoio de uma visão regular e estável das leis da vida humana, as estabilidades do mundo social permitem ao sujeito aventurar-se rumo ao “provavelmente bem-sucedido”<sup>2</sup>.

Nesse quadro, cabe perguntar qual é o lugar do fantasma. Em um drama fantasmático que comparece insistentemente na economia psíquica do sujeito, este se acha apagado como imagem e multiplicado no teatro familiar. Tais devaneios e expectativas são o resultado da necessidade inexorável de demandar a completude e reconhecer/enfrentar a impossibilidade desta. Logo, o fantasma é a representação de um mundo imaginário em que a “fenda” que me separa do outro é mascarada, tamponada. Enfim, é o encobrimento (sempre precário, desmentido pelo real) da falta irreparável.

## **6. LACAN E OS QUATRO DISCURSOS**

Como comentamos antes, o ser humano padece de uma incompletude e isolamento decorrente de ter renunciado à natureza e ao presente eterno na linguagem. Dessa condição de habitar o signo surge inevitavelmente o mal-estar que acompanha toda tentativa de laço social (QUINET, 2005; VILLANI E BAROLLI, 2006). Esse problema não escapou a Freud, que respondeu postulando a existência de três atividades humanas “impossíveis”: governar, educar e analisar — no sentido de sempre fracassarem como tentativas de contornar o impossível: tentam reiteradamente fazer laço social precário na tentativa de

---

<sup>2</sup> Cabe observar que isso vem se perdendo em grande parte com a complexidade e instabilidade líquidas da pós-modernidade.

(re)encontro com um real perdido para sempre. De forma curiosa, é justamente esse fracasso social do ser humano em atingir um horizonte em que coincida consigo próprio que o relança incessantemente na tentativa de fazer um enlçamento limitado e possível, embora frustrante. Também se pode dizer que a plenitude (ser Um com o outro) é um impossível que sentencia toda tentativa de laço ao supérfluo. O Unário, sendo completo em si, não necessita de outro. Enfim, a razão de ser de todo discurso (Lacan acrescenta um quarto discurso/laço: o fazer desejar) é sua incompletude intrínseca, seu inerente fracasso. E nisto reside também a razão de ser de toda atividade humana mediada pelo discurso (ALMEIDA, 2010).

Resumindo, há para Lacan quatro formas diferentes de nos relacionarmos com o outro e, assim, quatro modalidades de discurso, que no campo discursivo podem entrar em rotação para deslizarem um em direção ao outro, transmutarem-se no mesmo contexto, na mesma prática social: discurso do mestre, discurso da universidade, discurso da histórica e discurso do analista.

Essa rotação-deslizamento ocorre em virtude de haver coincidentemente nesses discursos os mesmos quatro significantes (representantes da representação), ocupando a cada vez lugares diversos numa mesma estrutura discursiva básica. Essa estrutura, que é um algoritmo dos laços sociais, consiste em um agente que fala a partir de sua verdade (ambos situados no campo do sujeito) a um outro, a quem o discurso se destina para incitar a produzir algo de acordo com que o agente lhe demandar (ambos situados no campo do outro), por meio de atos de fala que podem até incluir o silêncio. O equacionamento desses quatro lugares fixos, onde os significantes se situam e por onde efetuam rotação, produz o seguinte esquema:

<u>agente</u>	<u>outro</u>
verdade	produção

O agente é o lugar a ser ocupado por aquele que, dirigindo-se ao outro, apoiado por uma verdade “de bastidores” que estrutura o discurso, intervém endereçando a esse outro uma demanda, ou seja, solicita ao outro um tipo de satisfação de desejo (LACAN, 1992; VILLANI E BAROLLI, 2006). Interessante que — da mesma forma como a Teoria dos Sistemas Sociais de Luhmann concebe a dupla contingência — é a resposta dada pelo outro que irá especificar

essa demanda (LUHMANN, 1995, 2009; VANDERSTRAETEN, 2002). O tipo de discurso não depende de um ou de outro unilateralmente (de Ego ou de Alter, no teorema da dupla contingência), e sim da relação entre ambos, implicando discurso somente manifesto e estabelecido por ocasião da seleção da resposta específica à demanda especificamente selecionada.

O lugar do outro é ocupado por aquele que recebe a demanda selecionada pelo agente, que a pode aceitar ou não e produzir algo em função da demanda a ser satisfeita (VILLANI E BAROLLI, 2006). Essa produção até pode ter relação com a demanda, mas a satisfação dessa demanda jamais poderá ser plena, o que equivale a reconhecer que o discurso jamais funciona como comunicação perfeita, com os sentidos perfeitamente ajustados, congruentes. A rotação dos significantes acarreta, ao lado de diferentes formas de demandar, diferentes formas de acionar subjetivamente o outro e nele produzir diferentes efeitos discursivos, tanto ilocutórios quanto perlocutórios.

Na teoria dos sistemas sociais e na teoria holística da atividade, dela derivada, isso passa por reconhecer que o mal-entendido ou o não-entendimento (também) fazem parte integrante do processo comunicativo, e a própria comunicação enquanto tal é um evento improvável (LUHMANN, 1995; 2009). Os sistemas psíquicos (psi) dão opacos entre si, e a comunicação (sistemas sigma), que envolve operações de seleção a partir do conteúdo e das condições de produção (enunciado e enunciação), consiste em uma tentativa sempre precária de redução da complexidade e da contingência<sup>3</sup> (RICHTER, 2011). Cabe assinalar que as expectativas de sentido e de ação por parte de Ego, a rigor, não são, nem podem ser congruentes às contrasseleções de Alter. É justamente deste fato que deriva o “resto” semiótico de cada evento comunicativo (resto esse que relança a comunicação autocataliticamente) equivalente ao objeto a de Lacan.

Em Parsons, a superação da dupla contingência opera com base em normas sociais a priori comuns a Ego e Alter: uma solução de natureza culturalista. Para Luhmann, essa superação opera no tempo e gera estruturas proba-

---

<sup>3</sup> Esses conceitos foram assim expressos por Luhmann: “como complexidade, queremos dizer que sempre existem mais possibilidades do que se pode realizar. Por contingência entendemos o fato de que as possibilidades apontadas para as demais experiências poderiam ser diferentes das esperadas”.

bilísticas que competem entre si e se estabilizam, lado a lado dialeticamente com o constante risco de desestabilização e mudança: uma solução de natureza estatística. Para a teoria holística, ambas as soluções têm seu lugar, mas em momentos diferentes. Inicialmente deve ocorrer uma fase assimétrica (a formação da autoconsciência) e posteriormente uma simétrica (a participação da consciência nas interinfluências psi-sigma pela interpenetração). Para a primeira fase, a solução parsoniana se mostra adequada (determinismo e normatização sócio-culturais); para a segunda, a solução luhmanniana (resolução probabilístico-emergencial da circularidade e contingenciamento interativos) (RICHTER, 2008, 2011; VANDERSTRAETEN, 2002).

Passemos então à apresentação sucinta dos quatro significantes discursivos de Lacan:

S1 — significante-mestre, o significante da lei, do poder, da singularização da intervenção no campo do saber (autoria). O significante-mestre tem a ver com o uso de signos específicos da cultura assumidos por um sujeito que tenta fazê-los ajustarem-se a campos gnoseológicos e praxeológicos.

S2 — significante do saber, aqui entendido como as áreas do conhecimento humano em suas várias formas (verbal e não verbal, declarativo e procedural etc.). O saber pode ser consciente e público; consciente e oculto (reservado, hermético); inconsciente (saber efetivo de que o agente não tem consciência).

\$ — significante do sujeito barrado, o mesmo que sujeito castrado, limitado, afetado pela perda ou falta de seu objeto. É também o sujeito que oscila, no narcisismo secundário, entre renunciar ao outro e renunciar a si próprio.

a — significante do objeto causa do desejo ou o mais-gozar, que consiste na “signagem” (conversão em signo) da falta irreparável, do que jamais pode ser atingido ou obtido, do que sempre se desajusta, está a menos ou até a mais na economia da semiose humana, ou o que é dejetivo do sentido, vazio do sentido.

Esse significantes, ao ocuparem diferentes lugares de cada vez na estrutura discursiva acima apresentada, vão compor os quatro discursos que fazem (a seu modo e a título precário) laço social. A saber:

1. Discurso do Mestre (DM), cujo agente pretende fazer o outro agir, tomando como semblante a volição ou norma. O poder, o comando, a vontade própria, a relação de autoridade é o que domina:

S1/\$ → S2/a

2. Discurso da Universidade (DU), cujo agente pretende fazer o outro crer irrestritamente, tomando como semblante o saber construído. A tirania do saber a todo e qualquer preço é o que domina:

S2/S1 → a/\$

Ambos, DM e DU, podem ser considerados discursos no modo *dogmático*, na medida em que absolutizam, respectivamente, o poder e o conhecimento, às custas da anulação da diferença e daquilo que lhe está associado: o gozo do sentido por parte do sujeito como singularidade na cognição e na práxis.

3. Discurso da Histórica (DH), cujo agente pretende instigar no outro a produção de um saber sobre algo catexizado (investido libidinalmente). O sujeito da interrogação acerca do desejo ou da verdade faz o mestre não só querer saber (e acompanhar o saber em ação), mas também ele-próprio produzir “seu” saber (a intervenção, em determinado campo cultural, dos signos que assume):

\$/a → S1/S2

4. Discurso do Analista (DA), cujo agente pretende instigar no outro a produção de um agir<sup>4</sup> sobre o repositório de significantes da cultura; apaga-se (em semblante) como sujeito, ou seja, como quem conduz o encadeamento semiótico neste ou naquele sentido, para ser objeto causa do desejo/processo libidinal (= para despertar no outro-assujeitado e castrado a busca de sua trajetória singular da produção de sentido, o investimento semiótico específico do seu processo desejante):

a/S2 → \$/S1

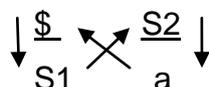
Paralela e contrastivamente aos discursos anteriores, estes, DH e DA, podem ser considerados discursos no modo *não-dogmático*, na medida em que relativizam, respectivamente, o conhecimento (produzir um mestre que abandona “certezas” para dessacralizar o saber absolutizado, inquestionável) e o

---

<sup>4</sup> Para evitar mal-entendidos, é preciso frisar que se trata de um agir de natureza *semiótica*, uma força como que libidinal manifestando a assim-chamada *ação dos signos* no sentido de inscrever o significante da diferença desse sujeito, inscrever o traço formal que o singulariza. Aqui nos situamos num interdomínio teórico do campo lacaniano e da semiótica de tradição peirceana. Esta interface vai ao encontro dos equacionamentos próprios da Teoria Holística da Atividade, daí ter sido selecionada para a presente discussão.

poder (produzir uma mestria emergente nisso mesmo que é, como já assinalado, o investimento sígnico singularizado de um processo desejante).

Além destes quatro discursos, Lacan postulou, na fase tardia de seu pensamento, a presença contemporânea de um quinto discurso, diferente dos demais por não fazer laço social: o discurso do capitalista:



Este discurso se caracteriza por um importante curto-circuito ( $\$ \leftarrow a$ ) que acarreta a substituição dos laços sociais pela recepção e manipulação de bens, serviços e mensagens (*gadgets*). De um lado, temos seres humanos que se convertem em mercadorias e, assim como canais de TV, passam a ser conectáveis e desconectáveis, alternando, respectivamente, entre objetos de consumo e objetos de descarte (dejetos sociais excluídos). De outro lado, temos artefatos — produzidos a partir dos tirânicos e inquestionáveis saberes da ciência e tecnologia — apresentados ao consumidor como promessas de total satisfação (obviamente falsas, o que faz estes artefatos funcionarem como causa do desejo narcisicamente exacerbado). O mestre S1 não é o capitalista, e sim o próprio capital, o poder financeiro. Enfim, embora o DA seja derivado do DM por uma “torção” do campo do sujeito, não tem, como o segundo, função de regular, normatizar (ao contrário, nutre-se da desregulação!), e sim excluir. Estar fora dos estereótipos referendados pelo Saber equivale a tornar-se dejetos social, ser socialmente invisível, material humano de descarte. Isso vale tanto para indivíduos como para grupos aliados do poder (CASTRO, 2009; QUINET, 2002).

## 7. FREIRE X LACAN: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Ao contrário de Lacan, Paulo Freire aposta na possibilidade de educar, desde que se pense a educação como um processo contínuo em que todos educam-se mutuamente. Esse processo estabelece um horizonte de emancipação sócio-política, e nele só há lugar para uma educação capaz de romper as amarras da opressão. Para Freire, a educação que oprime, silencia, é a educação bancária; a educação que liberta (e manifesta-se no diálogo fraterno) é a educação dialógico-problematizadora (BUCHVITZ, 2007).

Que paralelo pode ser estabelecido entre as concepções freireanas de educação e os discursos lacanianos de laço social?

Na educação bancária, o saber tem a fachada de uma doação, de um valor generosamente depositado nos que nada sabem. Porém, removida a máscara, constata-se que esse é um falso saber, pois o material depositado consiste de conteúdos impostos a educandos representados como meros espectadores do mundo, incapazes a priori de pronunciá-lo e transformá-lo por si mesmos no empenho de humanizá-lo. Se confrontarmos este conceito com a teoria dos quatro discursos, resulta que as modalidades dos discursos (com seus intergiros) que praticamente tomam conta de todo o empreendimento educativo tradicional restringem-se aos discursos do dogmatismo: a) o discurso da universidade, caracterizado pela tirania do saber no campo do sujeito e pela substituição integral dos significantes da produção de sentido pelos significantes da falta no campo do outro (que se converte, assim, no campo do silenciamento); b) o discurso do mestre, que do campo do sujeito aciona no outro-aluno a demanda de obediência irrestrita, produzindo um educando dócil, passivizado, que nada constrói ou consegue construir. O resultado global da fundamentação discursiva dogmática da educação é a completa ausência de diálogo ou questionamento.

Já na educação dialógico-problematizadora, o saber é construído através do diálogo que leva à reflexão acerca da realidade e da ação, ou seja, leva a interpretar criticamente a realidade tornando-a apta à intervenção social emancipadora. Nesse sentido, não se trata de transmitir, mas de criar as possibilidades para a produção do conhecimento. Entretanto, isso só poderá ocorrer se houver suficiente lugar para se manifestarem (sem anular os anteriores) os discursos do não-dogmatismo: a) o discurso do analista (cuja função dentro da concepção freireana é a implementação da autonomia do aluno); b) o discurso da histérica (cuja função é o desenvolvimento da atitude discente inquiridora, crítica).

Se substituirmos o conceito de giro pelo de deslizamento discursivo, na pedagogia freireana os discursos mencionados deslizam nessa mesma ordem — antecidos, porém, do discurso do mestre para marcar o posicionamento de partida da prática docente (ou seja, para instaurar o enquadramento do tra-

balho educativo), resultando o algoritmo:  $DM \Rightarrow DA \Rightarrow DH$ . Ou seja, educar, para Freire, jamais implica dissolver na indiferenciação os papéis de educador (mestre e representante do saber prestigiado) e educando (aquele que recorre ao primeiro como cliente de um lento trabalho propedêutico à inserção no mercado de trabalho e na cidadania). Daí que papéis e enquadramento sejam estabelecidos de início. A partir desse momento, impõe-se a disposição de ambas as partes ao questionamento e criticidade dialógicos voltados à construção da cidadania, que na verdade consiste na emergência da mestria do educando (RICHTER, 2008a, 2008b).

## **8. RENOVAR A EDUCAÇÃO: POR UMA PERSPECTIVA HOLÍSTICA**

Entretanto, há uma solução mais compatível com o papel propedêutico da educação ao mercado de trabalho e que amplia (sem nada descartar) os princípios e ganhos da sugestão de cunho freireano. Proposta pela teoria holística da atividade e epistemicamente alicerçada no paradigma analógico-indiciário, ela começa com a adesão, escudada por Quinet, à ética escolar da diferença, incorpora o giro da íntegra dos quatro discursos de Lacan, giro este modificado pela condição de interface (RICHTER, 2012) e pela dupla contingência (LUHMANN, 1995, 2009; VANDERSTRAETEN, 2002). Vamos procurar expô-la sucintamente ponto por ponto.

- a) Partindo da hipótese de que muitos dos males pós-modernos da interação professor-aluno decorrem da endemicidade de um caráter social sustentado na hegemonia do discurso do capitalista, tem-se por objetivo a adesão à proposta de Quinet: “Contra o imperativo do ter, (...) a ética da falta-a-ter, que se chama desejo (...) Contra o imperativo da competitividade neo-liberal, a ética da diferença.” Acrescentemos: contra o imperativo do estereótipo excludente, a ética da inclusão. E contra o imperativo do professor-dejeto, a ética da transferência.
- b) Vimos que a educação dialógico-problematizadora pode seguir o deslizamento  $DM \Rightarrow DA \Rightarrow DH$ . Mas há uma forma alternativa, potencializada, de operacionalizá-la, que procede incorporando todas as formas de laço social em outra lógica de deslizamento:  $DM \Rightarrow DH \Rightarrow DA \Rightarrow DU$  (VILLANI E BAROLLI,

2006), onde ocorre a progressão educativa Enquadramento  $\Rightarrow$  Problematização  $\Rightarrow$  Assujeitamento  $\Rightarrow$  Autoria<sup>5</sup>.

c) Entendemos que não basta postular *in abstracto* o dialogismo problematizador, mas integrá-lo ao enquadramento de modo a operar concretamente. Para isso, a reflexão-ação docente deve assentar-se epistemologicamente no paradigma analógico-indiciário, que consiste em trabalhar sobre analogias resultantes de mapeamento estrutural comparativo de sistemas e levantamento indicial de aproximações e distanciamentos intersistêmicos de elementos e relações.

d) Esse giro, ainda que bem fundamentado, descreve de forma insuficiente a realidade das operações de sistemas sigma, baseadas na dupla contingência. Será preciso admitir uma realidade discursiva não colocada por Lacan, mas compatível com o teorema da dupla contingência na vertente teórica de Luhmann — realidade essa que passamos a explicar. O autor propõe que a produção bicontingencial de sentido (entre Ego e Alter) pauta-se por princípios expostos por Spencer-Brown. Para o sociólogo alemão, o sentido se estabelece pela inscrição, por Ego (como intervenção) e por Alter (como referendação), de diferenças sobre seleções pré-estruturadas, as quais operam diferenciando um lado da forma ou estrutura, ao mesmo tempo que influem no outro lado, já que cada lado da inscrição de uma forma instaura uma oposição (como, por exemplo, homem/mulher) e se situa num dos lados dela, como o outro do outro. Daí a necessidade do outro da comunicação para referendar a seleção antes operada, pois dialeticamente não há fenômeno, não há *phaneron*, sem sua alteridade (LUHMANN, 2009).

Ora, segundo a teoria holística (RICHTER, 2012), considerando que a manifestação de diferenças pode, segundo o próprio Luhmann, advir de operações de indicação (inscrever nova/sua diferença) ou distinção (situar-se em um dos lados de uma diferença já presente na interface estrutural Ego/Alter) ou ambas simultaneamente — sempre atravessadas tanto pelo Imaginário quanto pelo Simbólico — , a última possibilidade remete a uma condição não postulada

---

<sup>5</sup> Com este termo, autoria, não estamos afirmando que o aluno é colocado na posição de agente do DU para exercer uma suposta mestria explícita do saber (o que caracterizaria uma impropriedade conceitual), e sim que esse aluno enuncia-se como porta-voz do saber científico (ou semelhante a este) incorporando sua voz (seu significante-mestre) em posição de verdade oculta (assumindo explicitamente o lugar de legitimidade social sem abdicar de nela intervir implicitamente).

por Lacan: que os discursos, além de girarem, possam funcionar intervalarmente<sup>6</sup>. Nesse caso, um indivíduo que toma a palavra pode heterogeneamente agenciar dois discursos, por exemplo, do Analista e da Universidade, no mesmo evento enunciativo. A teoria holística chama esta especificidade enunciativa de condição de interface. Essa condição responde pela constatação de que todo discurso tem ao mesmo tempo um semblante externo e uma realidade observacional de primeiro grau (intervenção sem auto-observação) acessível somente entre pares nos sistemas autopoieticos.

É somente nessa condição de interface que podemos acenar com a esperança de mudança de uma condição de docente-dejeto (que concide com a de docente “blindado”, no sentido de autopreservação da fachada de onisciência), para a condição de docente-faltoso que se converte em anteparo de questionamentos e, devolvendo ao educando sua imagem invertida, permite a este também aceitar “jogar o jogo” da dupla falta, para ambos vencerem a resistência de ambos os lados, instaurar um espaço transferencial e assim fundarem o diálogo freireano, “um encontro amoroso mediatizado pelo mundo (...)”, ou também, “uma relação horizontal de A com B (...) [que] Nutre-se do amor, da humanidade, da esperança, da fé, da confiança.” Diálogo impregnado de um fundo de criticidade, propiciador-catalisador dos giros não dogmáticos do discurso. Uma relação que, como havíamos cogitado inicialmente, pode tornar possíveis os impossíveis, como por exemplo, a relação de terapeutas com seus pacientes — um equivalente autopoietico, profissionalmente digno, de uma atividade hoje ainda alopoietica e estigmatizada: a docência nas áreas não-regulamentadas e não-autogeridas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rita de Cássia de Araújo. O discurso do analista e a invenção de uma escola em movimento. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.10, n.3, p.887-911, 2010.

---

<sup>6</sup> A intervalaridade, tanto quanto a heterogeneidade, são propriedades da linguagem já admitidas e extensamente estudadas na linha francesa da Análise do Discurso.

BRAGA, Maria Lúcia Santaella. As três categorias peirceanas e os três registros lacanianos. **Psicologia USP**, São Paulo, v.10, n.2, 1999.

BUCHVITZ, Paulo Arthur. Paulo Freire & Lacan: Liberdade, linguagem e saber. **Perspectivas Online**, Campos dos Goytacazes, v.1,n.4, p.25-30, 2007.

CABAS, Antonio Godino. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Moraes, 1982.

CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Consumo de massa e discurso da histeria. São Paulo, **II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação**, 01/03 abr. 2009. Disponível em:  
<http://www.espm.br/ConhecaAESPM/Mestrado/Documents/COLOQUIO%20BXM/S4/julio%20cesar%20leme%20de%20castro.pdf>

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Livro 17. O Aveso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Social systems**. Stanford: Stanford University Press, 1995.

QUINET, Antonio. A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade. In: QUINET, Antonio, PEIXOTO, Maria Angélica, VIANA, Nildo, LIMA, Raimundo. **Psicanálise, Capitalismo e Cotidiano**. Goiânia: Edições Germinal, p.31-38, 2002.

RICHTER, Marcos Gustavo. Práticas Constitutivas, Articulativas e Exercitativas e Profissionalização Docente. Santa Maria, **III Fórum de Estudos Interacionistas e II Seminário de Formação: Interação em Sala de Aula de Línguas**. 08/10 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. Aquisição, Atividade e Formabilidade. In: RICHTER, Marcos Gustavo; CORREA, Márcia Cristina; NASCIMENTO, Sílvia Lovato do; GONÇALVES, Giovana Ferreira; PAULA, Mirian Rose Brum de. (Orgs.) **Aquisição de língua materna: heterogeneidade da pesquisa**. Letras 36, Jan/jun 2008, p. 211-230.

\_\_\_\_\_. **Aquisição, Representação e Atividade.** Santa Maria: PPGL-UFSM Editores, 2008.

\_\_\_\_\_. Profissionalização docente segundo a teoria holística da atividade: estudo empregando software de mapeamento semântico. In: ALBUQUERQUE, Rosaura; MOTTA, Vaima Alves. **Linguagem e interação: o ensino em pauta.** São Carlos: Pedro & João Editores, p. 109-140, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração.** São Paulo: Ática, 1995.

VANDERSTRAETEN, Raf. Parsons, Luhmann and the theorem of double contingency. **Journal of Classical Sociology** v.2, p.77-92, 2002.

VILLANI, Alberto; BAROLLI, Elisabeth. Os discursos do professor e o ensino de ciências. **Pro-posições**, Campinas, v.17, n.1, p 155-175, 2006.